vinetur

Preços da cerveja no Brasil caíram 0,24% em outubro, a primeira descida nesse mês desde 2018

A subida em 12 meses abrandou para 3,79%, ficando a cerveja abaixo da inflação geral do Brasil pela primeira vez desde outubro de 2025

segunda-feira, 16 de novembro de 2026



A cerveja comprada para consumo em casa no Brasil ficou 0,24% mais barata em outubro, a primeira descida de preços nesse mês desde 2018. A subida em 12 meses abrandou para 3,79%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A desaceleração fez com que os preços da cerveja subissem menos do que os dos alimentos consumidos em casa e do que a taxa de inflação geral do país.

Os preços dos alimentos consumidos em casa subiram 1,31% em outubro e 5,75% em 12 meses, contra uma subida de 3,79% da cerveja no mesmo período. Os dados do IBGE mostram que esta foi a primeira vez desde setembro de 2025 que a inflação dos alimentos ultrapassou a da cerveja para consumo em casa. A inversão foi acentuada face a fevereiro, quando os preços da cerveja subiam 6,07% em 12 meses e os alimentos consumidos em casa estavam 0,09% mais baratos do que um ano antes.

O valor de outubro prolongou para três meses o abrandamento da inflação da cerveja. A subida em 12 meses da cerveja comprada para consumo em casa foi de 5,46% em agosto, 4,82% em setembro e 3,79% em outubro. Assim, voltou a situar-se dentro do intervalo da meta de inflação do Banco Central, de 3%, com um limite de tolerância de 4,5%.

A descida mensal também interrompeu uma tendência que se mantinha há vários anos. Os preços da cerveja para consumo em casa tinham subido em todos os meses de outubro entre 2019 e 2025. Outubro de 2026 foi o primeiro mês de outubro com uma descida desde 2018.

O quadro geral da inflação no Brasil foi mais desigual. O IPCA, o principal índice de preços no consumidor do país, subiu 0,14% em outubro e 4,63% em 12 meses. O IBGE afirmou que o resultado mensal foi contido, em parte, por uma descida de 1,92% na fatura da eletricidade, após o regresso da bandeira tarifária verde. Assim, a cerveja para consumo em casa ficou abaixo da inflação geral, em termos homólogos, pela primeira vez desde outubro de 2025.

Os preços da cerveja também se mantiveram relativamente contidos fora de casa. Em bares e restaurantes, a cerveja subiu 0,11% em outubro, menos de um terço da subida de 0,36% dos alimentos consumidos fora de casa. Em 12 meses, a cerveja vendida fora de casa subiu 4,04%, mantendo-se abaixo da taxa geral do IPCA pelo 18.º mês

consecutivo.

Nem todas as bebidas seguiram a mesma tendência. Os refrigerantes e a água mineral, que o IBGE acompanha em conjunto, subiram 0,22% em outubro para consumo em casa e 5,63% em 12 meses, aproximando-se mais da subida dos preços dos alimentos do que da da cerveja.

Para os produtores de cerveja, distribuidores e retalhistas, o abrandamento da subida dos preços da cerveja poderá influenciar as decisões de preços, as promoções, as margens e as previsões de receitas no mercado cervejeiro brasileiro. Os dados apontam para algum alívio nos preços para os consumidores, mas também para um mercado que continua desigual entre regiões e exposto às pressões sobre os custos noutras partes da cadeia alimentar.

O IBGE atribuiu grande parte da pressão sobre os preços dos alimentos aos produtos básicos. O preço do tomate subiu 19,57% em outubro, tendo também aumentado o da cebola, do arroz e das carnes. Fernando Gonçalves, responsável pelo IPCA no IBGE, afirmou que as chuvas excessivas prejudicaram a oferta de alguns alimentos e que o aumento dos custos do gasóleo agravou a pressão sobre a produção e a distribuição.

Os preços da cerveja nas diferentes regiões revelaram um mercado dividido em outubro. Entre as 15 capitais e regiões metropolitanas para as quais o IBGE calcula uma série relativa à cerveja comprada para consumo em casa, oito registaram subidas de preços e sete descidas. As maiores subidas mensais ocorreram em Brasília, de 1,31%, Goiânia, de 0,93%, e Porto Alegre, de 0,86%. As descidas mais acentuadas foram registadas no Rio de Janeiro, de 2,55%, em Belém, de 1,55%, e em Belo Horizonte, de 0,88%.

Os valores em 12 meses foram ainda mais desiguais. Campo Grande registou a maior subida, de 7,58%, seguida de Belém, com 7,47%, e Goiânia, com 7,39%. Em Salvador, os preços da cerveja para consumo em casa estavam 0,28% abaixo dos de um ano antes, enquanto em Belo Horizonte a descida foi de 0,03% no mesmo período.

Os dados da produção revelaram alguma melhoria do lado das fábricas, embora face a uma base de comparação fraca. O inquérito industrial do IBGE apurou que a produção de bebidas alcoólicas subiu 4,4% em setembro face ao mesmo mês do ano anterior. A cerveja representa a maior parte do volume deste segmento. A subida seguiu-se a uma descida de 6,3% em setembro de 2025, pelo que o aumento mais recente recuperou apenas parte da quebra anterior.

Ainda assim, o saldo da produção de bebidas alcoólicas em 12 meses passou a ser positivo. A produção subiu 0,9% em 12 meses, o primeiro resultado positivo desde maio de 2025. No início do ano, o acumulado em 12 meses tinha chegado a -3,6%. A produção de bebidas não alcoólicas, incluindo refrigerantes e água, subiu 0,6% face ao ano anterior e 1,4% em 12 meses.

Este resultado contrastou com o do setor industrial brasileiro no seu conjunto, que caiu 2,5% em setembro face ao mesmo mês do ano anterior, a maior descida desde março de 2024. O IBGE afirmou que a comparação foi influenciada por uma base mais elevada, uma vez que a indústria no seu conjunto tinha crescido 2% em setembro de 2025.

Os dados estaduais da produção de bebidas, que não distinguem entre produtos alcoólicos e não alcoólicos, revelaram crescimento em oito dos 13 estados com séries disponíveis. O Maranhão liderou, com uma subida de 23,8% em setembro face ao mesmo mês do ano anterior, seguido do Ceará, com 20,5%, e de Minas Gerais, com 16,6%. As descidas mais acentuadas ocorreram no Pará, de 9,6%, no Amazonas, de 7,0%, e em São Paulo, de 3,3%.

Alguns dos estados que cresceram em setembro continuavam a revelar fragilidade na comparação em 12 meses. O Ceará registou uma descida de 2,8% em 12 meses, Goiás caiu 5,0% e a Bahia, 4,4%. Sete estados mantiveram resultados positivos em 12 meses, com o Rio Grande do Sul a liderar, com 11,9%, seguido de Minas Gerais, com 10,6%.